**Silêncio e palavra**

Não perguntei a nenhum profissional das comunicações sociais qual a sua primeira reação à leitura desta *Mensagem* de Bento XVI.

Suspeito –mas posso estar enganado! – que muitos a tenham considerado desenquadrada do seu trabalho diário. Útil, sugestiva, esclarecedora, certamente, para a vida pessoal de crente ou não crente, mas raramente aplicável ou não aplicável às exigências quotidianas da profissão. Algum poderá ter até murmurado que, com esta receita, estaria condenado a um desemprego iminente.

Apesar desta introdução, não estarão à espera que me aponte a essa mesma fila; que considere a *Mensagem* um lírico jogo de palavras, desconhecedoras da vida real. Bem pelo contrário, considero-a um bom exemplo de que “não há nada mais prático que uma boa teoria”.

Não escondo, contudo, que não será fácil a construção da ponte *silêncio – profissional da comunicação* –e vice-versa.

Como cabe o *silêncio* na pressa da notícia? Como se compagina o *silêncio* com a urgência da *primícia informativa, da primeira mão, do rigoroso exclusivo*?

Não está, certamente, em causa a aceitação do *silêncio* como ocultamento dos factos que são notícia. A *Mensagem* incentiva a comunicação, a verdadeira comunicação que serve e une pessoas e aí a verdade não pode ser nunca escamoteada. Não é desse falso *silêncio* do que se trata. Do que se trata é “da relação entre silêncio e palavra”; do que se trata é de alcançar “uma espécie de ‘ecossistema’ capaz de equilibrar silêncio, palavra, imagens e sons”.

Sem entrar noutros aspetos da *Mensagem*, fiquemo-nos apenas pela difícil busca deste “equilíbrio”.

Comecemos por interrogar-nos: Não sucede que, demasiado frequentemente, sobram, até ao limite do aturdimento, “palavras, imagens e sons”? Não acontece que, muitas vezes, as palavras são repetidas até que pareçam verdade? Não é certo que, muitas vezes, as mesmas perguntas são habilmente reinventadas até que o interlocutor pareça dizer aquilo que eu tinha *decidido* que devia dizer? Diante da imagem lancinante da mãe que, inesperada e tragicamente, acaba de perder o seu filho jovem sobram todas as palavras: a que propósito se lhe pergunta “como se sente”?

Estes exemplos não são, obviamente, aplicáveis ao exercício dos bons profissionais. Mas a vertigem da pressa, a caça à manchete, a pressão das tiragens e dos shares, se calhar, pressionam mais que o desejável equilíbrio da comunicação e vão fazendo caminho, e normalizam modelos.

O *silêncio*, a capacidade de *silêncio* – antes, durante e depois – é essa espécie de arma secreta que, primeiro, educa o comunicador e, depois, equilibra a comunicação.

Nisto, como em tudo, de pouco servem as normas, as regras aprendidas nas sebentas da Faculdade ou nos *livros de estilo* se antes não temos pessoas. E, na construção das pessoas, o *silêncio* é a argamassa que integra e harmoniza ruídos, pressas, saberes, verdade, respeito, estilos, relação.

A *Mensagem*, na sua parte final, entra nos mundos de Deus, na inexcedível riqueza dos *silêncios* de Deus. Quem puder entrar nessa escola aprenderá, mais facilmente, com o irrepetível Mestre, a crescer, amparado à fecunda árvore do *silêncio*.

†Pio Alves

*Presidente da Comissão Episcopal*

*da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais*